



LITERATURA DE CORDEL E A FORMAÇÃO DO LEITOR: PROPOSTA METODOLÓGICA PARTINDO DO PROJETO DIDÁTICO

Eliane Da Silva Cruz; Yve Almeida Leão; Alyere Silva Farias

*Universidade Federal Da Paraíba, elianesc154@gmail.com; Universidade Federal Da Paraíba,
yve_leao@yahoo.com.br; Universidade Federal Da Paraíba, alyere@gmail.com.*

Resumo: Apesar de ao longo dos últimos anos a literatura de cordel estar sendo inserida nas escolas, vê-se a necessidade e a importância de se trabalhar esse gênero textual para além do folheto, numa abordagem comparativa, intertextual entre ele e outros gêneros textuais, com a possibilidade de produção de cordel, de explorar a musicalidade nos alunos, a encenação, entre outros aspectos. Acredita-se que o uso desse gênero em sala de aula contribuirá para a formação de leitores mais engajados com a nossa realidade. Para além de um ensino de literatura mais formal, busca-se contribuir para uma formação literária dos alunos a partir de uma concepção interacionista, uma relação dialógica entre professor-aluno. Como base teórica para elaboração do projeto didático, aplicou-se a Estética da Recepção que defende que o texto (materialidade) não é o único elemento do evento literário, há também a conduta do indivíduo/leitor, o que torna necessário que o texto literário se explique e tenha sentidos a partir da interação entre texto e o leitor. Por conseguinte, fez-se uso do método Receptional, que trabalha a interação entre o texto e o leitor partindo do interesse pessoal do aluno, buscando sempre a ampliação desse interesse primeiro, trabalhando de modo interdisciplinar e intertextual - relacionando o texto literário com os demais gêneros textuais. Na elaboração do projeto didático, os cordéis escolhidos foram “No Forró da Bicharada”, de Apolônio Alves dos Santos, e “Os Animais tem Razão”, de Antônio Francisco. Nosso objetivo foi o de fazer com que os alunos conhecessem as particularidades da literatura de cordel, mostrando suas origens, passando por todo o contexto sócio histórico em que a literatura popular está inserida, conduzindo-os a discutir os elementos temáticos e estruturais dos textos literários e finalmente proporcionar-lhes o exercício da intertextualidade entre textos literários e os demais gêneros, buscando sempre o desenvolvimento de sua plena cidadania através do texto literário. Inevitavelmente, temos que reconhecer a dificuldade atual da leitura do texto literário de forma efetiva em sala de aula. Todavia, percebemos que o mesmo não é impossível, nem tão pouco utópico. O que se faz necessário é que aconteça uma mudança metodológica, social e política do ensino e dos usos da literatura enquanto ferramenta de emancipação do indivíduo leitor. Indubitavelmente, acreditamos que só através da/pela literatura há de se formar leitores conscientes, pois reconhecemos que a mesma deve ser vista como um andaime para uma efetiva reflexão social que leve o indivíduo/leitor à formação integral e ao exercício efetivo/prático da cidadania.

Palavras-chave: Leitor, interação, Recepção, social, literatura de cordel.

INTRODUÇÃO

Apesar de ao longo dos últimos anos a literatura de cordel estar sendo inserida nas escolas, vemos a necessidade e a importância de trabalharmos mais esse gênero textual para além do folheto, numa abordagem comparativa, intertextual entre ele e outros gêneros textuais, com a possibilidade de produção de cordel, de trabalhar a musicalidade nos alunos, a encenação, entre outros aspectos.

Queremos com esse trabalho apresentar a possibilidade de considerar a literatura de cordel como literatura mesmo no contexto escolar, não apenas como pretexto para ensinar conteúdo ou numa perspectiva apenas histórica da literatura.

Com efeito, ALVES (2008) afirma que





VII ENLIJE

Não acreditamos que o valor da poesia popular deva ser considerado pelo grau menor ou maior de influência que ela teve sobre a produção artística de autores consagrados. Ela vale em si, e como tal deve ser lida, apreciada e pesquisada. Há nela uma riqueza de imagens, de ritmos, de percepções peculiares do mundo que lhes confere valor.

Por se tratar de uma literatura mais nossa, mais nordestina, acreditamos que o uso da literatura de cordel em sala de aula contribuirá para a formação de leitores mais engajados com a nossa realidade. Além disso, trata-se de uma literatura que alcança a todos, pois como é sabido, os folhetos de cordel são vendidos por preços acessíveis a todas as camadas sociais.

Para além de um ensino de literatura mais formal, através do projeto didático intitulado “A Temática Dos Bichos Na Literatura Popular: Brincando E Aprendendo Com O Cordel”, buscamos contribuir para uma formação literária dos alunos a partir de uma concepção interacionista, uma relação dialógica entre professor-aluno, sendo o professor o sujeito mediador, facilitador, instigador desse sujeito aluno leitor. Partiremos das experiências desses alunos, das suas vivências, da sua visão de mundo e, a partir disso, ampliaremos os seus horizontes de expectativas.

O nosso objetivo principal e condutor de nosso trabalho foi o de fazer com que os alunos conhecessem as particularidades da literatura de cordel, mostrando suas origens, passando por todo o contexto sócio histórico em que a literatura popular está inserida, conduzindo-os a discutir os elementos temáticos e estruturais dos textos literários e finalmente proporcionar-lhes o exercício da intertextualidade entre textos literários e os demais gêneros.

Pensando em uma abordagem adequada da literatura para crianças, e repensando na nossa prática como formadores de leitores, percebemos uma aproximação possível entre a literatura infanto-juvenil e a literatura de cordel no que tange a presença de animais e suas características humanas projetadas nos bichos, trazendo um caráter lúdico e uma magia, uma fantasia do tempo em que os animais falavam.

O caminho que tentamos trilhar “não deverá ser criar (ou impor) um currículo para ser cumprido, mas cada vez mais partir da realidade e tentar conhecê-la para poder fazê-la visível” (ALVES, 2008). Diante disso, propusemos uma abordagem metodológica da literatura de cordel para ser trabalhada em sala de aula, não como receita pronta, mas como uma possibilidade de como o cordel pode ser experimentado, partindo da realidade sociocultural dos alunos, pois acreditamos que “há inúmeras formas de levar a literatura às crianças. As diferentes realidades e os objetivos é que determinam as opções”. (ALVES, 2018).

FORMAÇÃO DE LEITORES: A ESCOLA E A LITERATURA

O ensino de literatura passa atualmente por um conjunto de problemas que devem ser repensados em nosso país. Essa disciplina caracteriza-se pela pluralidade de sentidos, em que o texto literário configura-se diferentemente a todo o momento, assumindo um caráter interdisciplinar, e ao mesmo tempo, independente, além de funcionar como um instrumento civilizador que conserva valores universais. O discurso literário se mostra diferente de outros discursos pelo fato de ser menos pragmático e de pouca aplicação prática.

A leitura literária é de fundamental importância para aquisição de novos saberes, ajudando na compreensão da realidade dos alunos. Seu processo busca subsídios para a formação de leitores que sejam capazes de criarem seus próprios significados diante do texto literário, reconstruindo seus pensamentos através de suas experiências pessoais, o que proporciona a inclusão e melhoria na formação social do aluno.

Para muitos alunos, a literatura pode ser agradável e prazerosa; já outros não conseguem enxergar sentido na leitura dos textos literários preferindo assistir

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

música, fazer outras atividades que exija menos esforço na compreensão. A experiência da leitura é uma tarefa árdua quando a praticamos para preencher fichas de leitura, responder exercícios ou como pretexto para trabalhar a gramática, atividades sem sentido para o aluno.

Enquanto professores de língua materna, precisamos repensar nossas práticas tentando valorizar e explorar o vasto campo de leituras que um texto possui, buscando estabelecer pontes capazes de fazer com que os alunos percebam os diferentes sentidos, frutos da união do contexto de escrita e o contexto do leitor, preparando-o para ser um leitor perspicaz que sabe buscar, no texto, sua essência tendo em mente que ler significa interpretar utilizando o conhecimento de outras leituras que já fez. Sendo assim,

[...] o conhecimento e a leitura não são um patrimônio de eleitos, não são a magia de adivinhos ou bruxos, não são uma experiência particular de poucos; mas algo socialmente construído, pela informação e pela observação coletiva partilhada. (AMORIM, 2003, p. 54)

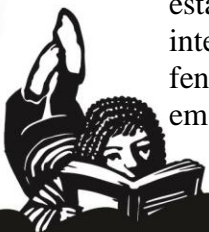
Na rua, em casa, na escola e na sala de aula, é possível ouvirmos pessoas dizendo que não gostam de ler por não terem paciência para isso, ou que não nasceu para ler porque não possui esse dom. Com certeza essas pessoas não compartilham do conhecimento de que a leitura não é um patrimônio apenas de pessoas que foram escolhidas para terem o dom de entender um texto, mas é um processo de compreensão e interpretação de significados que consiste em utilizar elementos construídos socialmente como base para a construção do sentido de um texto fruto da experiência vivida em outros momentos de contato com textos orais e escritos produzidos no meio em que vive. Trata-se de fazer ligação de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos na construção de uma ou várias leituras cabíveis ao texto.

A autora Ivândá Martins (2006, p.83) diz que “a literatura sofre um processo de escolarização” em que muito se discute sobre o “como trabalhar o texto literário sem torná-lo pretexto para o ensino-aprendizagem de outras questões”. Assim percebemos que muito se tem falado sobre a escolarização da literatura, assunto este que vem recebendo duras críticas, ao se usar inadequadamente o texto literário em sala de aula. Isso acaba sendo mais um desafio para o professor utilizar-se de seus conhecimentos para promover a interação entre autor, texto e leitor, com o intuito de atribuir sentidos ao texto.

Durante muito tempo a literatura foi trabalhada com ênfase no percurso histórico, que enfatizava a relação entre escola literária, autor e obra, o que se constata ainda em muitas escolas em nossos dias. Ensinar literatura dessa maneira não é necessariamente condenável, até faz parte da tradição de nossas salas de aula esse tratamento histórico. O lado negativo dessa tradição acontece quando o professor não leva seus alunos a perceberem essas informações metalinguísticas e extraliterárias presentes no texto. É importante que os alunos tenham contato direto com o texto, e dele possam extrair seus múltiplos significados.

Os textos literários, quando usados adequadamente, seja na escola ou em casa, além de provocar prazer aos leitores, ampliam seu nível de conhecimento porque o monumento literário carrega em si informações de diversas naturezas. Por isso, é possível encontrarmos conhecimentos variados pertencentes a outras áreas do conhecimento num romance, novela, conto, crônica etc.; podemos fazer uma viagem no tempo, ir a lugares não muito convencionais, conhecer estilos de épocas como costumes, crenças, culturas, modo de falar ou, até mesmo, adquirir conhecimentos que podem nos tornam capazes de expressar nossa opinião sobre a realidade só porque lemos um bom livro.

É indispensável que o aluno compreenda e enxergue esse diálogo que a literatura estabelece com outras áreas de conhecimentos, uma vez que as aulas podem ser mais interessantes se o professor, na construção dos sentidos, estabelecesse pontes entre outros fenômenos da língua portuguesa. A contextualização da época em que foi produzida a obra em estudo também pode enriquecer a leitura do texto que pode ser feita em sala de aula, com





VII ENLIJE

o auxílio do professor coadjuvando na compreensão e construção do sentido do texto, não dando uma interpretação já pronta, como diz MARTINS (2006), mas formulando-a em conjunto com os alunos.

Apesar de possuir um grande valor, no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal dos alunos, a literatura é posta apenas no ensino médio e mesmo assim, inadequadamente. MARTINS (2006) aponta duas formas de abordagem da literatura no ensino médio: o *ensino da literatura* que se preocupa com a organização estética da obra e a *leitura da literatura* relacionada à compreensão do texto literário. As duas abordagens estão (e devem estar) presentes, mas infelizmente, a preocupação com a organização estética do texto literário predomina. “É preciso que a escola amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como atividade lúdica de construção e reconstrução de sentidos” (MARTINS, 2006, p. 85). Neste caso, o professor deve assumir uma posição não de transmissor de conhecimento, mas como mediador, orientando, construindo os sentidos do texto numa posição de “co-leitor” com o aluno.

Pensar numa aula de literatura de qualidade que chame a atenção dos alunos é pensar também num professor bem informado que tenha o interesse em despertar neles o gosto pela leitura, provocando o contato com obras clássicas ou contemporâneas, visando desenvolver no discente uma visão de que, assim como sentimos prazer ao assistir um filme ou ouvir uma música, a leitura de textos literários aprimora nossa capacidade de pensar e resolver problemas, e também pode nos causar essa mesma sensação de bem-estar. Isso acontece se o aluno é levado a perceber que o texto é como um “quebra-cabeça” que consiste na organização das partes para a formação de um todo que possui um sentido lógico. Desse modo:

O aluno deveria ser persuadido, motivado a gostar de ler, atraído pelo texto literário, encarando a leitura literária como um jogo, nos termos de Iser (1999), em que o autor dita as regras de funcionamento do jogo por meio da tessitura textual e o leitor descobre como jogar, negociando sentidos, decifrando pistas, fazendo inferências, enfim, reconstruindo o jogo, antes dirigido pelo autor. (MARTINS, 2006, p. 97 -98)

É papel do professor tentar resgatar no aluno o desejo em embrear nos textos literários, consciente da negociação de sentidos que está sujeito a manipular no ato da leitura. Só haverá leitores capacitados em nossas escolas quando o aluno perceber que a compreensão do texto não depende apenas do texto ou de seu autor, mas da interação entre leitor, textos e autor. É o próprio leitor quem vai atribuir sentido ao texto, por meio dos conhecimentos de outras leituras bem como da consciência de que ler é como se fosse um jogo, como aponta MARTINS (2006), que nos dita regras e pistas para conseguirmos entendê-lo. E assim como um jogo pode ser desafiador, a leitura também possui esse caráter que pode ser instigante para o jovem leitor.

A literatura não pode se reduzir apenas a uma lista de características de estilo e de obras e autores consagrados. Perde-se o gosto pela leitura ao estudar na escola a literatura de modo tradicional, atentando apenas para a classificação de textos e autores. É preciso que haja um vínculo entre autores e diversos gêneros, entre textos de diferentes épocas, para que se possam estabelecer múltiplas relações na construção de significados vários, ou seja, nos estudos de literatura o texto literário deve apresentar-se como espaço de construção de significados.

A falta de leituras prévias, de uma base sólida no ensino fundamental, faz com que o aluno “encare a literatura como objeto artístico de difícil compreensão” (MARTINS 2006, p.83), e isso se dá pelo motivo da leitura literária não ser trabalhada corretamente ao longo da trajetória escolar do aluno. Do aluno do ensino médio é exigido um repertório maior de leitura e conhecimentos literários e por isso, deve-se evitar um mero estudo mecanicista, muitas vezes desprovido de significado, com uma sequência de conteúdos aleatórios e desconexos.

(85) 3322.3222
contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Outro ponto fundamental é a inserção das teorias literárias em sala de aula, o que faria com que o aluno tivesse oportunidade de fala neste ambiente, mas essa teoria literária não pode estar desvinculada do contato profundo e constante com o texto literário.

O professor deveria confrontar o aluno com a diversidade de leituras do texto literário, para que o educando reconheça que o sentido não está no texto, mas é construído pelos leitores na interação com textos. É justamente a partir dessa interação do aluno com textos que o estudo da literatura se torna significativo. (MARTINS, 2006 p.85)

Quando o professor se coloca nesta condição de mediador, num diálogo interacional nas aulas de literatura, percebe-se que se vai além de uma simples leitura do texto literário, e que de fato há a realização do chamado letramento literário, pois tal texto deixa de ser apenas um objeto de análise superficial, tratado de modo isolado, e passa a ter verdadeiro significado na vida do aluno.

Assim, o professor é responsável por construir uma ponte de informação entre o aluno e o texto. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2006, p.54) “o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências” e a escola precisa criar um ambiente que proporcione estes meios, não sobrecarregando o aluno com informações de caráter secundário.

LITERATURA, LEITURA E LEITOR.

Formar um leitor demanda diferenças a serem consideradas. Trata-se de decifrar a mensagem simbólica, expressada por meio das sílabas que formam as palavras, enquanto que, em outro aspecto, o sujeito leitor é induzido a aprender a compreender, interpretar e inserir-se no universo do pensamento de outra pessoa - o autor - compartilhando pensamentos, ideias e hipóteses, aceitando, ou contrapondo-se ao que analisa.

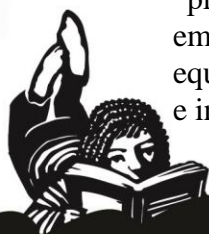
A leitura não deve ser concebida como um processo de decodificação por envolver-se muito mais do que apenas aspectos de deciframento do escrito. Ela proporciona ao leitor o contato com o seu significado seguindo seu conhecimento de mundo, possibilitando assim, afirmar que todos, ao lerem o mesmo conteúdo, obterão compreensão e interpretação diversificadas ao interagir com o texto. O leitor realiza o processo de maneira ativa, enriquecendo a leitura que contribuirá com seu saber que se propõe fazer.

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos, comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996).

A leitura constitui também uma prática social, pela qual o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e esta tornar-se algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas. Sendo assim, falar em atividades humanas, aqui, é tratar de uma linguagem, do recurso pelo qual o homem adentra o universo da cultura, configurando-se com um ser culto, racional e pensante.

A leitura propõe, ainda, interação entre diversos fatores para que haja realmente o “processo de ler”. Vale ressaltar que aspectos psicológicos e pedagógicos deverão ser levados em consideração. Dessa forma, esse processo perpassará diferentes linhas teóricas, enfocando equilibradamente os demais aspectos que conferem ênfase a um único interesse: compreender e interpretar o texto, auferindo todas as informações nele contidas.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

É o leitor quem atribui significado ao texto, processando diversificadamente as informações nele constantes. É relevante afirmar que os significados do texto baseiam-se em sistemas interacionais esquematizados para o leitor; já os do escritor relacionam-se com ele na forma de interação.

Segundo KOCH e ELIAS (2008), a leitura está além de apenas ocupar um importante espaço na vida do leitor. Para as autoras, o ato de ler constitui-se da junção entre os sujeitos sociáveis com a linguagem sociocognitiva, o que lhes possibilita um contato eficaz com elementos significativos do texto. Sendo assim, o leitor é posto em contato direto com as palavras de maneira peculiar, percebendo o elevado grau de sentido que elas preservam.

Notam-se, constantemente, indagações acerca da real importância da leitura para os membros de uma sociedade. Observa-se, também, que o mesmo grupo de indivíduos anseia pela necessidade de nutrir o conhecimento, especialmente por meio da leitura. É fato que tal lacuna poderá ser suprida corretamente por intermédio das diferentes maneiras de aplicabilidade do elemento de informação. Concebendo que a leitura decorre do entendimento entre sujeito, língua, texto e sentido, adotados na respectiva sequência, a representação do pensamento estará assegurada e promoverá a captação mental do leitor de maneira absoluta.

O mesmo acontecerá com o entendimento da leitura levada a sério, sem menosprezar as experiências e conhecimento próprios do leitor, compreendendo propósitos consolidados ao longo de sua caminhada, e para tanto, tais suportes servirão de condução para atividades interativas entre *autor-texto-leitor*, servindo muito além de um simples produto codificado para conhecimento transmitido ao receptor de forma passiva (KOCH & ELIAS, 2008).

Todo conhecimento que o leitor possa ter encontra-se armazenado na memória e esta, por sua vez, organiza-o adequadamente, gerando espaço para as inúmeras informações que esse mesmo leitor agregará para si, ao longo de sua rotina como praticante da leitura.

É impreterível que se promova um trabalho produtivo da leitura a fim de contribuir para a formação do sujeito leitor de forma que possa identificar-se no texto, ou nas suas leituras plurais, não somente como um consumidor de livros, e sim um produtor destes à medida que preenche as lacunas existentes na obra lida, mergulhando na ambiguidade dos textos e encontrando significados mais profundos nas entrelinhas dos textos.

Percebe-se, dessa forma, quão importante é a habilidade de leitura que ultrapassa os limites da decodificação, efetivando-se como ação que prepara leitores capazes de participarem da sociedade na qual estão inseridos e, acima de tudo, exercendo o direito e o dever de transformá-la. Para que isso ocorra, necessariamente, recorre-se à disponibilidade do professor, para agir como mediador do processo, atentando para o caráter social do ato de ler. Com efeito, no momento da leitura, trocam-se valores, crenças, gostos, que não pertencem somente ao leitor, nem tão-somente ao autor do texto, mas, sobretudo, a um conjunto sociocultural.

ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

É notório e recorrentemente discutido entre grupos de pesquisadores da educação, universidades e fóruns, que o ensino de literatura nas escolas baseia-se tão somente na historiografia que busca classificar autores e obras em gerações e fases, tornando o ensino da literatura algo maçante e fadada ao fracasso.

Principalmente com o advindo do livro didático, em meados da década de 90, sendo ele uma das principais ferramentas dentro da sala de aula (o que perpetua até os dias atuais), o ensino da literatura orienta-se por atividades repetitivas e distanciadas de práticas de leituras, ou seja, o que temos em relação ao ensino de literatura são leituras de fragmentos de obras pertencentes ao cânone e que sua função busca apenas e tão somente descrever aspectos estruturais e trabalhar questões gramaticais.





VII ENLIJE

O resgate da poesia na sala de aula é uma questão fulcral no fazer pedagógico dos professores. Em sua obra *Poesia na Sala de Aula*, ALVES (2018) debruça-se sobre essa questão em seu primeiro capítulo, trazendo pesquisas de diversos autores sobre como esse gênero literário é desprestigiado em sala de aula. Os problemas relativos a não utilização da poesia como objeto de estudo são de variadas ordens, seja a prioridade que é dada aos textos em prosa nas escolas, seja a dificuldade do professor em trabalhar com o texto poético em si.

Em pesquisa realizada por ALVES (2018, p. 12), ele conclui que

Se por um lado, nalgumas obras, há aumento no número de poemas e presença de poetas contemporâneos, por outro, **a abordagem se prende mais a questões formais (tipo de verso, rimas), teóricas (conceitos como eu lírico), pouco favorecendo uma aproximação lúdica do texto que estimule a percepção da fantasia, da musicalidade e o diálogo do leitor com o texto** (grifo nosso).

Inquietos e preocupados com essa realidade, buscamos um caminho que rompesse com este tipo de ensino, com o intuito de formar principalmente leitores conscientes e críticos que pudessem de alguma forma alterar o *status quo*. Indiscutivelmente, acreditamos que essa mudança começa através da/pela literatura, uma vez que a mesma deve ser vista como um andaime para uma efetiva reflexão social que leve o indivíduo à formação e ao exercício da cidadania.

Buscando fomentar a ideia de pertencimento do indivíduo/aluno, orientando-nos a trabalhar por meio de algo que pertencesse à cultura e à identidade pessoal, individual, coletiva, regional e cultural, optamos por escolher a Literatura de Cordel como ponto de partida para o desenvolvimento de uma consciência crítica e uma postura ativa dos alunos. Concomitantemente a esta escolha, acreditamos ser possível trazer para a sala de aula um ensino que fortaleça o diálogo multicultural, trazendo para a escola não apenas a cultura valorizada canônica, mas também as demais culturas locais populares, tornando-a objeto de estudo, análise e crítica, o que proporciona o diálogo entre texto/enunciados/ discursos com os textos da cultura valorizada.

O intuito final foi o de formar cidadãos/leitores flexíveis, protagonistas e multiculturais através da literatura de cordel, como afirma CONCEIÇÃO (2018),

Importa clarificarmos mais uma vez que o cordel é produzido em um meio cultural e como tal retratará o que está sendo discutido nesse meio, a partir de uma apreensão, intencionalmente concreta, do real, do particular, mas essa apreensão se faz acompanhar de uma recomposição dos elementos percebidos, em virtude de analogias diversas [...]. (2018, p. 101)

Na presente proposta, tentamos nos orientar a partir das condições indispensáveis para trabalhar com poesia em sala de aula trazidas por ALVES (2018). A primeira condição é a experiência significativa de leitura. Acreditamos ter alcançado essa condição, levando em consideração que a presente proposta foi elaborada a partir de uma temática cara para as autoras, qual seja, os animais, juntamente com um trabalho de pesquisa intenso quanto ao tema a ser trabalhado e os gêneros possíveis.

A segunda condição que o autor apresenta é atentar para os interesses dos alunos. O autor elenca várias formas de como alcançar o levantamento desses dados, seja a partir da agenda dos alunos, seja de forma direta, através de questionários, sempre privilegiando o debate entre aluno e professor.

Coadunado com essa segunda condição de ALVES (2018), nos debruçamos sobre a Estética da Recepção (AGUIAR e BORDINI) como base teórica para elaboração da presente proposta metodológica, que defende que o texto (materialidade) não é o único elemento do

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

evento literário, há também a conduta do indivíduo/leitor, o que torna necessário que o texto literário se explique e tenha sentidos a partir da interação entre texto e o leitor.

É a Estética da Recepção que orienta o Método Receptional escolhido para o desenvolvimento de toda a proposta. Compreendemos que o ato da leitura requer preenchimento dos vazios (os pontos de ambiguidades), ou seja, do horizonte de expectativa do leitor.

Com efeito, temos,

[A obra literária é] uma estrutura linguístico-imaginária, permeada de pontos de indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais, os quais, no ato de criação ou de leitura, são preenchidos e atualizados, transformando o que era trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. (AGUIAR; BORDINI, 1993, p.82).

Partindo desse horizonte de expectativas do aluno, do que ele conhece, respeitamos a sua vivência social, cultural, pessoal, histórica e tantas outras que permeiam a sua existência. Após, tentaremos ultrapassar, ir além desses horizontes já conhecidos. Para isto, na presente proposta metodológica, seguiremos as etapas apresentadas por BORDINI e AGUIAR: determinação do horizonte de expectativa; atendimento do horizonte de expectativa; ruptura do horizonte de expectativa; questionamento do horizonte de expectativa e ampliação do horizonte de expectativa.

Para determinar o horizonte de expectativas dos alunos, as autoras apresentam possibilidades viáveis de como entender os valores que os alunos trazem consigo, assim como apresentado por ALVES anteriormente, isto é, através de questionários, de fichas de leitura da biblioteca, ou apresentando gêneros textuais já conhecidos dos alunos e fomentando o debate sobre assuntos diversos.

Determinado esse horizonte, a segunda etapa é de atendimento desse horizonte de expectativas. As autoras afirmam que esse atendimento se faz de duas maneiras: no gênero literário que deve ser conhecido do aluno e na estratégia de ensino que também lhe deve ser familiar.

Para além do que os alunos conhecem, a terceira etapa é a da ruptura desse horizonte de expectativas, “pela introdução de textos e atividades de leitura que abalem as certezas e costumes dos alunos, seja em termos de literatura ou de vivência cultural” (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 89).

Comparando as etapas anteriores, chegamos ao questionamento do horizonte de expectativas. Nesse momento, o aluno torna-se sujeito do processo de aprendizagem, pois, como corresponsável nesse processo, através da discussão participativa e do debate, o aluno volta-se aos textos, aos gêneros literários trabalhados, aos temas diversos, às reflexões realizadas, implicando na constante retomada dos textos.

Por fim, resultado desse caminho percorrido de debate e reflexão entre texto e leitor, chegamos a última etapa do método receptional, a ampliação do horizonte de expectativas. Nesse momento, o professor como mediador provoca os alunos a irem além, a experimentarem novos gêneros, novas técnicas de aprendizagem, novas possibilidades de manejo da literatura.

Desse modo, o leitor durante a leitura interfere, dialoga e preenche os espaços de omissões lacunares de acordo com as suas vivências acumuladas na memória, trazendo para o texto literário suas percepções sobre o que lê, o que resulta em um verdadeiro ato de comunicação. O Método Receptional fomenta o letramento literário, uma vez que o sujeito leitor se torna atuante na escolha de temas e interesses de estudos e conseqüentemente participe ativo na leitura literária, o que levará a apropriação de conceitos, comportamentos e postura, constituindo-se sujeito atuante na sociedade em que está inserido.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

VIVENCIANDO O CORDEL ATRAVÉS DO PROJETO DIDÁTICO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA.

A proposta didática trazida como sugestão seguiu as etapas elencadas pelo Método recepcional. Importante salientar que a adaptação das etapas pelos professores deve ser levada em consideração, podendo adequá-las à sua experiência pessoal, uma vez que devemos estar atentos ao perfil da nossa sala de aula, ao material didático oferecido, ao ambiente escolar, à comunidade em que aquela escola está inserida, entre tantos outros aspectos.

Num primeiro momento, apresentamos os conteúdos e os objetos de estudo que podem ser trabalhados em sala de aula. Após, adentraremos nos procedimentos metodológicos propriamente ditos.

CONTEÚDOS:

- Gêneros discursivos e sua relação com a literatura;
- Literatura de cordel: elementos de sua forma e função social;
- A intertextualidade.

OBJETOS DE ESTUDO

- Filmes: *Os sem floresta* (direção de Tim Johnson e Karey Kirkpatrick, 2006) e *A revolução dos bichos* (direção de Andy Serkis, 2016).
- Obras literárias: *No Forró da Bicharada* (autor: Apolônio Alves dos Santos) e *Os animais Tem Razão* (autor: Antônio Francisco Teixeira de Melo)
- Xilogravuras e Grafites.
- Gêneros discursivos: revistas, notícias de jornais, reportagens, vídeos, documentários, livros, folhetos, etc.

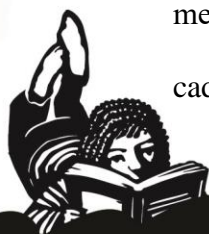
PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Partindo de ALVES (2018), a escolha do tema “bichos” para trabalhar em turmas de primeiro ciclo do ensino fundamental, demonstra uma escolha próxima ao que os alunos conhecem, por ser uma temática de grande interesse das crianças, próxima a elas, que possui um caráter lúdico, fantasioso de os bichos receberem características humanas, falarem, viverem experiências que as próprias crianças podem viver numa encenação ou num jogo dramático.

Ademais, na presente proposta metodológica, a perspectiva apresentada é de intertextualidade, isto é, elaboramos as atividades a partir do diálogo entre a literatura de cordel e vários outros gêneros textuais, como reportagens, filmes, documentários, além do trabalho com os aspectos imagéticos da literatura de cordel e a xilogravura.

Por fim, em toda a proposta apresentada, importante salientar a questão fundamental que deve passar todos os procedimentos didáticos: a leitura. A finalidade de trabalharmos com a literatura é ler. Ler o folheto e os demais gêneros textuais apresentados é de fundamental importância na formação dos leitores. ALVES e MARINHO (2012) nos ensinam que “as sugestões que seguem aqui não prescindem da leitura das histórias. E ler em si, mesmo sem fazer nada a partir disto, já é grande coisa” (p.127).

Nesta proposta metodológica, elaboramos cinco aulas de literatura, com uma hora aula cada, organizadas na forma que segue:





VII ENLIJE

1ª aula: (Determinação do horizonte de expectativa)

1. O professor pode levar para a sala de aula de aula notícias/reportagens de jornais e revistas, vídeos com temáticas diversas, recortes de livros, filmes, letras de músicas para distribuir, ler e assistir juntamente com os alunos. A partir desse momento tentaremos diagnosticar, estabelecer e conhecer os interesses e expectativas dos alunos por possíveis temas.
2. Ao observar os comentários e as discussões levantadas pelos alunos, após o contato com os gêneros discursivos, será proposto aos alunos um debate acerca da temática recorrente entre todos, de modo que possamos conhecer seus pensamentos, críticas, preconceitos, ideias e etc.
3. A fim de aprofundar o horizonte de expectativa da turma, pode ser feito um questionário (oral ou não) acerca dos gostos da turma, vivências, conhecimentos literários etc.
 - Quais tipos de textos vocês costumam ler?
 - Quais filmes assistem?
 - Tem acesso ao Youtube? Quais vídeos acessam?
 - Gostam de desenhar? No bairro de vocês existem desenhos, imagens, gravuras?
4. Após o contato com os gêneros discursivos, dos debates e da aplicação do questionário, para a próxima aula propõe-se, a partir da livre escolha dos alunos, a temática: *os bichos e os seres humanos*.
5. Para atender os interesses dos alunos solicitamos que tragam para a próxima aula reportagens (via web ou telejornais/jornais) sobre a temática, filmes que abordem o assunto e vídeos para serem assistidos e debatidos em sala.

2ª aula (Atendimento do horizonte de expectativa)

1. Solicitamos que os alunos comentem o material trazido por eles que contenham a temática “bichos”, anteriormente estabelecida pelo debate. Em seguida, o professor apresenta o filme *Os sem floresta*. Ao final, como proposta de atividade, podemos dividir a sala em grupos e, através da produção de uma história em quadrinho, pedimos que os alunos evidenciem qual(is) a(s) consequência(s) causada(s) ao(s) animais pelos seres humanos.
2. Ao fim desta aula, como atividade extraclasse, podemos solicitar aos alunos que assistam o desenho animado *A revolução dos bichos* e selecionem cenas que ilustrem e retratem a relação dos animais com os seres humanos para o debate em sala de aula, onde os alunos terão de argumentar e defender os seus pontos de vista sobre as cenas escolhidas.

3ª aula: (Ruptura do horizonte de expectativa)

1. Nesta aula, mostraremos que a temática dos animais e dos seres humanos não são apenas abordados e trabalhados pelos gêneros discursivos filmes, desenhos, telejornais, programas de TV, reportagens, revistas e outros. Apresentaremos aos alunos a literatura de cordel, mostrando-lhes que a mesma, dentro de suas características de forma e função social, também aborda a temática de modo divertido, dialógico e social.
2. Partimos sempre da leitura, podendo ser uma leitura compartilhada, dos cordéis *No forró da bicharada* e *Os animais têm razão*. Em seguida, pediremos que os alunos relatem suas experiências com os textos literários, contando seus gostos e referências de leituras, caso haja. Durante a leitura compartilhada, podemos indicar aos alunos aspectos da musicalidade existentes no cordel e as imagens que ilustram o folheto.
3. Após a leitura dos cordéis e das exposições dos alunos acerca de suas experiências anteriores com textos literários, podemos questioná-los sobre a xilogravura presente

(83) 3322 3222
contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

nos cordéis lidos. Podemos fazer perguntas como “O que são?” “Porque esse tipo de desenho aparece nos cordéis?” “Conhecem a técnica utilizada?” “E qual será a importância da xilogravura para os cordéis?”.

4. Podemos fazer um diálogo entre a xilogravura e o grafite, mostrando a importância de cada um para seus respectivos movimentos (a literatura de cordel e o hip hop). Importante que o professor leve para exibir em sala de aula xilogravuras e grafites.

4ª aula (Questionamento do horizonte de expectativa)

1. Nesta aula, através da discussão participativa, retomaremos os gêneros trabalhados até o momento: os filmes, as notícias de revistas e jornais, a xilogravura, o grafite, lembraremos os debates e as produções das histórias em quadrinhos feitas pelos grupos. Pediremos que os alunos confrontem a temática dos bichos e os seres humanos trabalhados em cada gênero, as formas, a linguagem, as imagens. Os alunos serão indagados sobre o que acharam do contato com a literatura de cordel e se conseguiram correlacionar com os gêneros já vistos e conhecidos.
2. Aqui retomaremos os grupos já formados anteriormente e pediremos que elaborem um painel e/ou um infográfico contendo as informações obtidas através da literatura de cordel e os diversos gêneros discursivos sobre a relação animais e os homens.

5ª aula: (Ampliação do horizonte de expectativa)

Como proposta de avaliação, o professor pode sugerir duas atividades: uma produção escrita, onde os alunos produzirão um cordel com a temática dos bichos, se utilizando da xilogravura e dos conhecimentos abordados em sala de aula. A segunda proposta seria uma encenação teatral de um dos textos literários trabalhados em sala de aula, podendo ser através de fantoches ou de outra forma de recriação escolhida pelo leitor. Essa proposta faz com que o aluno tenha que se debruçar mais detidamente sobre o texto literário, sobre os seus aspectos estruturais e semânticos, o que alarga os seus conhecimentos.

Importante deixar que os alunos debatam e escolham livremente a atividade que queiram realizar, expressando-se e participando ativamente, ou respeitando e não obrigando os que não quiserem envolver-se.

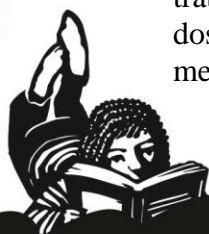
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar a poesia em sala de aula não é tarefa fácil. Considerar a literatura de cordel como literatura mesma, podendo ela estar num patamar semelhante aos cânones estudados em sala de aula, não ficando para trás em aspectos rítmicos ou quaisquer outros pontos, é tarefa mais difícil ainda. Por considerarmos a riqueza estética do cordel semelhante às das obras já consolidadas esteticamente, é que trouxemos a presente proposta metodológica.

Ao comparar textos eruditos com o cordel não queremos aqui propor que uma seja melhor que a outra. Ambas são valorosas, devem ser estudadas em sala de aula, mas devemos considerar os diferentes contextos e situações em que os nossos alunos estão inseridos.

Em sendo a literatura de cordel uma produção cultural mais próxima à nossa realidade e de fácil acesso a todas as camadas sociais, é que nos propusemos a tentar inserir o cordel em sala de aula numa perspectiva interdisciplinar e emancipatória. Além disso, propusemos ir para além de uma abordagem tradicional dos textos literários em sala de aula, a partir da pesquisa acurada de temas próximos aos alunos, considerando dimensões sociais, lúdicas, pessoais dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Diante disso, tentamos apresentar uma proposta metodológica que pudesse ser trabalhada na escola de modos diversos, a partir do atendimento da expectativa de horizontes dos alunos, rompendo com esse horizonte, e, posteriormente, ampliando-o, tendo sempre em mente a necessidade de levar a poesia para a sala de aula.





VII ENLIJE

ALVES (2018), citando T. S. Eliot, nos apresenta a importância da função social da poesia que nos auxilia na reflexão do nosso fazer pedagógico. Trabalhar a poesia na formação de leitores é aproximar os alunos da leitura prazerosa, é voltar ao convívio com a poesia, com o texto literário. E “ter essa consciência de que a poesia é sempre comunicação de alguma nova experiência” (ALVES, 2018, p. 17), é ter o aluno leitor como o principal sujeito desse processo. Estando atento ao que é sensível ao aluno, o professor terá o cuidado necessário na elaboração dos seus procedimentos didáticos.





VII ENLIJE

Referências:

- AGUIAR, Vanda T. *O leitor competente à luz da teoria da literatura*. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, n. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. *Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- ALVES, José Helder Pinheiro. *Tesouros da poesia popular para crianças e jovens*. In: Boitatá Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Número 05 – jan-jul de 2008.
- _____. *Poesia na sala de aula*. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- _____. Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. In: ALVES, José Helder Pinheiro; PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdênia da; NETO, Miguel Leocádio Araújo. *Literatura e formação de leitores*. Campina Grande: Bagagem, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**, volume 1. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CONCEIÇÃO, Claudia Zilmar da Silva; CONCEIÇÃO, Carlos Magno Gomes. *A formação do leitor por meio da literatura de cordel*. In: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/715/449>. Leia Escola, Campina Grande, v. 16, n. 2, 2016 – ISSN 2358-5870. 96. Acessado em 04 de maio de 2018.
- DEBUS, Eliane. BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. BORTOLOTTI, Nelita (organizadoras) *Poesia (cabe) na escola*. 1. Ed. EDUFPG, 2018
- FRANCISCO, Antônio. *Os animais têm razão*. 2. Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.
- KOCH, Ingdore V.; ELIAS, Maria V. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARINHO, Ana Cristina; ALVES, José Helder Pinheiro. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MARTINS, Ivândá. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: *Português no ensino médio e formação do professor*. Org. KLEIMAN, Ângela B. São Paulo: Parábola editora, 2006.
- SOARES, Marcelo; ALVES, José Helder Pinheiro. *Outros pássaros e bichos na voz de poetas populares*. Campina Grande: Bagagem, 2011. P. 5-8

